

Voando para Porto Alegre

Tarso Jones (Rios Voadores)

“Vou tentar resumir como uma banda resolveu fazer as malas, sair de Brasília e gravar seu debut nos estúdios Dreher, em Porto Alegre, durante a copa do mundo de 2014. É uma bela história! A Rios Voadores naqueles dias estava em orgânica (sim, ainda era possível) ascensão. A banda tinha acabado de vencer (por escolha da crítica e do público) o festival Chilli Beans e, como prêmio, ganhou alguns pares de óculos da marca e um excelente horário no festival brasiliense Porão do Rock 2013, à meia noite, abrindo para o Lobão. A trupe estava tocando e compondo novas canções, mas ainda precisava gravá-las num estúdio profissional. O que acontece é que boa parte do *know-how* musical essencial da Rios Voadores veio da pesquisa sonora propriamente dita: dos blogs, dos sebos, até locadoras de CD e tudo mais.

Lembrando que ainda estávamos na era *pré-streaming* e quem curti música de fato tinha que ir atrás, no boca a boca ou garimpando na internet, que era recheada de blogs, links e páginas dedicadas à disseminação de pepitas sonoras de todos os tipos. A gente tinha bastante referência musical e artística para se espelhar.

O fato é que estávamos vivendo uma fase bastante psicodélica e tínhamos essa identificação especial com a sonoridade única que emanava da obra do músico gaúcho Flávio Basso, mais conhecido pela alcunha de Júpiter Maçã. A gente acompanhava o trabalho do ‘man’ há quase uma década e sabíamos que seu produtor musical mais fecundo era o lendário Tho-

mas Dreher com seu estúdio em Porto Alegre. O que a gente veio a descobrir nessa época, por obra do destino, é que o Thomas tinha um irmão, o Gustavo Dreher, e esse irmão, por obra da sincronidade misteriosa, também estava morando em Brasília.

Demos um jeito de conseguir o contato do cara e marcamos uma reunião no tradicional bar Beirute, da asa norte. Dessa reunião nasceu o plano da gente preparar as músicas numa *pré-produção* aqui no quadradinho e então partir para POA assim que possível para fazer de fato a gravação das músicas. A gente já estava na casa dos 30 anos, lembro da euforia e empolgação que sentíamos naquela época, íamos simplesmente gravar nosso primeiro álbum no estúdio dos caras mais geniais que era possível pra nossa geração! Para nós era como a realização de um sonho.

Fizemos a *pré-produção* durante 4 meses em Brasília com o Gustavo, juntamos os instrumentos e uns casacos mais robustos na mala e fomos curtir o inverno porto alegre dentro dos estúdios Dreher. Digo isso literalmente, porque nos instalamos lá e ficamos numa intensa imersão de gravação durante 12 noites no início de julho daquele ano e durante a copa do mundo no Brasil de 2014. Gravamos ao vivo no estúdio, com a supervisão dos irmãos Dreher (Thomas e Gustavo juntos, uma raridade). Realmente foram dias mágicos. Existia aquela aura da pura criação no ar e nós gravamos as 11 faixas do álbum homônimo *Rios Voadores* (lançado em 2016, pela Tratore) nesse embalo. Numa noite, ali naquele processo, estávamos a testar experimen-



Banda Rios Voadores durante gravações no Estúdio Dreher

tações e sons peculiares, então o Thomas sugeriu que fôssemos na rua encontrar objetos ou qualquer coisa que achássemos interessante e aparecesse no caminho. Lembro que voltamos com um balde cheio de quinquilharias, galhos e folhas. Depois fizemos *takes* com botas de solado de madeira pisando naquelas folhas secas. O resultado está presente na canção *Música do Cais*, onde dá pra sentir esse contraste psicodélico da música aquática misturada com essas folhas sendo pisadas. Delícia!

Em outro momento, já mais pro final da empreitada, fizemos uma festa no estúdio, rolou uma celebração, chegou um pessoal. Eis que o Thomas, sem avisar nada pra ninguém, deixou um microfone gravando a farra inteira. Depois os trechos mais animados foram



utilizados como parte mixada na canção *Freak Lady*, para simular essa noite em curso, cheia de conversas, copos batendo e risadas que aconteceram de verdade! Dá pra ouvir o nosso astral elevado daquele momento, eternizado nessa faixa. Foi incrível. Saímos de lá ainda mais fãs dos caras, sacamos a importância da liberdade criativa no estúdio, dessa imersão mística em conjunto e entendemos como uma canção pode nascer com alma, cores e formas esculpidas para sempre. Viva!”

Timbres não mentem jamais

Marcelo Birck (Aristhóteles de Ananias Jr.)

“Encontrei o Thomas Dreher pela primeira vez quando ele atuou como operador de som do álbum *Coisa de Louco II* da Graforreia Xilarmônica. Em seguida, conheci o Estúdio Dreher, quando ainda era na Iguaçu, para a masterização do disco da Aristhóteles de Ananias Jr. Até então, a gravação havia sido uma encrenca só. A resistência dos estúdios ao que estávamos propondo foi uma constante, o que levou a um resultado que não nos agradou.

Mas tudo mudou quando chegamos aos Dreher. O Thomas trabalhou na master, tornando-se

mega parceiro nas investigações que nós concebíamos para dar uma cara mais de acordo com o que pretendíamos desde o início. Após o fim da banda, ele me propôs de fazermos algumas gravações. A princípio, foram testes, muitos deles trechos curtos de músicas ainda não finalizadas. Com várias edições e acréscimos, entre 1999 e 2000, estes registros se tornaram meu primeiro disco solo.

Várias outras situações surgiram na sequência, o que inclui o disco dos Atonais, banda da qual o Thomas foi o baterista. O álbum *Em Sintonia Modulada* foi gravado na maior parte ao vivo, em parale-



lo ao meu disco solo. Além disso, também rolaram as co-produções que fiz com Júpiter Maçã para o disco *Plastic Soda*. As histórias são inúmeras (os timbres, por sua vez, não mentem jamais) desde que comecei a trabalhar com os irmãos Dreher.”

Discografia básica do Estúdio Dreher

- 1996: Aristhóteles de Ananias Jr
- 1997: Graforreia Xilarmônica - *Chapinhas de Ouro*
- 1998: Cowboys Espirituais
- 1999: Júpiter Maçã - *Plastic Soda*
- 2000: Os Atonais - *Em Amplitude Modulada*
- 2001: Cachorro Grande
- 2003: Pata de Elefante - *Pata de Elefante*
- 2006: Graforreia Xilarmônica - *Ao Vivo*
- 2008: Júpiter Maçã - *Uma tarde na fruteira*
- 2009: Os the Darma Lóvers - *SimplesMente*
- 2010: Julio Reny - *Bola 8*
- 2011: Yanto Laitano - *Horizontes e Precipícios*
- 2013: Cristiano Varisco Aline
- 2014: Cristiano Varisco - *Trilhas Sonoras para Filmes Imaginários*
- 2015: Wander Wildner - *Existe alguém aí?*
- 2018: Irmãos Panarotto - *Paranhos, bricolagens e outras...*
- 2021: Loomer - *DenialB/W Dead*
- 2022: Naddo entre Gigantes - *Melomania*
- 2024: Flu & Carlinhos Carneiro - *Flulinhoneiro*
- 2025: Império da Lã & Irmãos Panarotto - *Estátua para Júpiter Maçã*

* **Cristiano Bastos** é jornalista e autor de *Julio Reny - Histórias de amor e morte* (Prêmio Açorianos de Melhor Livro em 2015), *Júpiter Maçã: A efervescente vida e obra*, *Nelson Gonçalves: O rei da boemia, Nova carne para moer* e *Gauleses irredutíveis - Causos & Atitudes do Rock Gaúcho*. Também publicou, em 2023, a obra de jornalismo e artes gráficas *100 grandes álbuns do rock gaúcho: influências e vertentes* (Nova Carne Livros).